



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

O HOMEM CO-CRIADOR DO MUNDO PELA IMAGEM DE SI MESMO
UM ESTUDO DE SARTRE E NIETZSCHE

Vinicius Pimentel Ferreira

1. Vinicius Pimentel Ferreira, Graduando em Lic. em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: vpfilosofia@gmail.com
2. Orientador Malcom Guimarães Rodrigues, DCHF, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: malcomgr@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche; Sartre; Liberdade.

INTRODUÇÃO

A partir da leitura das obras *O ser e o Nada* de Sartre, bem como o livro *O Nascimento da Tragédia*, de Nietzsche, pretendo mostrar de que modo os dois autores identificam o homem enquanto sujeito sem uma identidade metafísica, na posição de criadores de si mesmos e do mundo, perpassando por discussões como liberdade, responsabilidade e possibilidade. Partindo disso, fazendo reflexões sobre questões sociais da contemporaneidade. Partindo das obras utilizadas neste artigo, não é possível identificar de forma clara uma proposta moral dada por Nietzsche ou Sartre, porém, se pensarmos dentro do conceito de engajamento de Sartre, não podemos tratar de algum tema, sem ter sobre alguma influência dentro do campo ético, sem tomar uma posição, sem provocar uma mudança.

Por isso, segundo Sartre, o escritor engajado é aquele que conhece o poder de ação da sua palavra, e isso significa saber que a palavra age desvendando o mundo, e que esse desvendar provocado pela palavra não é desvendar a situação na sua inocência, antes, desvendar é mudar a característica inocente do objeto a ser desvendado. Assim, para o escritor, não é permitido falar se não tiver a intenção de desvendar e, por consequência, de mudar de alguma forma a situação. Sartre afirma que o escritor engajado é aquele que “abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana”.

-Hilgert

Compreendendo que ambos os autores se colocam a falar, cada um ao seu modo, sobre liberdade e construção do mundo, partindo do conceito de engajamento, é possível afirmar que há enquanto móbil, talvez até enquanto motivo (embora Nietzsche negue), haja uma esperança em provocar um engajamento por meio da filosofia no qual os leitores da obra possam se compreender como vazio de identidade ou essência anterior a escolha e lançar sobre o mundo nadificado ou absurdo ações que visam destituir o ressentimento e a má-fé de seu lugar de “governância”. Se é verdade que o mundo é em sua maioria formado por pessoas que creem possuir uma imutável natureza, que são o que são e o mundo é o que é independente das escolhas que fazem, ou seja, que há uma verdade pronta e acabada sobre tudo, a filosofia de

Sartre e de Nietzsche, muito embora seja confundida com uma filosofia pessimista ou até mesmo desagradável, invoca uma esperança não só de dias melhores, como também nos provoca uma tensão de tomarmos as rédeas das atitudes que farão deste mundo preferível, deste dia melhor, não apenas uma possibilidade do por-vir, mas um presente. Se é verdade que a história do indivíduo, seus móveis e motivos, podem ser tomados a parte como objeto pela consciência e preterido pela mesma, dando espaço para novas escolhas e novas construções de si, deve ser possível também algum nível de consciência social onde a cultura, a tradição e as crenças todas possam também ser tomadas e destacadas pela consciência enquanto objetos, nos permitindo refletir se o caminho até aqui percorrido não pode ser modificado, ou melhor, se não deve dentro duma perspectiva moral ser modificado. A consciência de liberdade e a certeza de que a mudança do que sou (e do que somos) ocorre por meio da ação/escolha, nos coloca não só uma responsabilidade sobre nós mesmos, mas principalmente uma responsabilidade sobre o mundo inteiro (que é criado na medida em que nos criamos) não só do ponto de vista causal, mas também moral.

*O homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade.
(O Existencialismo é um humanismo)*

Tal percepção, dirá Sartre, é fonte de angústia, e somente pela má fé pode-se escapar a tal angústia sem tomar uma atitude em busca de um mundo melhor. Nietzsche, que afirma categoricamente não ter pretensões de melhorar o mundo, provoca a todo instante a ideia de que podemos viver o mundo sem pretensões contra vida, e que nossa Vontade de Poder, de Domínio é uma vontade de alegria que só pode ser concretizável quando abdicarmos de toda ordenação moral ou ficção social que anule o imperativo dionisíaco “Torne-te quem tu és”, que nos impeça de viver como eterno por vir, como ser-no-mundo que, como o próprio mundo é sempre mudança. A modernidade abre caminho para o fim da “Vontade de Verdade”, não há mais necessidade ser qualquer coisa que não a responsável Liberdade.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Estudo dos textos citados na bibliografia a seguir:

Araldi, Clademir.L. **Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche**. USP. 1998.

Hilgert, Luiza. **Engajamento e literatura em Sartre**. Unioeste. 2011.

Itaparica, A. LM. **Crítica a modernidade e o conceito de subjetividade em Nietzsche**. Curitiba. 2011.

Nietzsche. **O Nascimento da tragédia**. Companhia de Bolso. 2008.

Nietzsche. **Vontade de Potência**. Editora Escala. 2010.

Nietzsche. **Crepúsculo dos Ídolos**. Editora L&PM. 2009.

Sartre. **O Existencialismo é um humanismo**. Editora Nova Cultural. 1987.

Sartre. **O Ser e o Nada**. Editora Vozes. 2003.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Compreendendo que ambos os autores se colocam a falar, cada um ao seu modo, sobre liberdade e construção do mundo, partindo do conceito de engajamento, é possível afirmar que há enquanto móbil, talvez até enquanto motivo (embora Nietzsche negue), haja uma esperança em provocar um engajamento por meio da filosofia no qual os leitores da obra possam se compreender como vazio de identidade ou essência anterior a escolha e lançar sobre o mundo nadificado ou absurdo ações que visam destituir o ressentimento e a má-fé de seu lugar de “governância”. Se é verdade que o mundo é em sua maioria formado por pessoas que creem possuir uma imutável natureza, que são o que são e o mundo é o que é independente das escolhas que fazem, ou seja, que há uma verdade pronta e acabada sobre tudo, a filosofia de Sartre e de Nietzsche, muito embora seja confundida com uma filosofia pessimista ou até mesmo desagradável, invoca uma esperança não só de dias melhores, como também nos provoca uma tensão de tomarmos as rédeas das atitudes que farão deste mundo preferível, deste dia melhor, não apenas uma possibilidade do por-vir, mas um presente. Se é verdade que a história do indivíduo, seus móveis e motivos, podem ser tomados a parte como objeto pela consciência e preterido pela mesma, dando espaço para novas escolhas e novas construções de si, deve ser possível também algum nível de consciência social onde a cultura, a tradição e as crenças todas possam também ser tomadas e destacadas pela consciência enquanto objetos, nos permitindo refletir se o caminho até aqui percorrido não pode ser modificado, ou melhor, se não deve dentro duma perspectiva moral ser modificado. A consciência de liberdade e a certeza de que a mudança do que sou (e do que somos) ocorre por meio da ação/escolha, nos coloca não só uma responsabilidade sobre nós mesmos, mas principalmente uma responsabilidade sobre o mundo inteiro (que é criado na medida em que nos criamos) não só do ponto de vista causal, mas também moral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A consciência de liberdade e a certeza de que a mudança do que sou (e do que somos) ocorre por meio da ação/escolha, nos coloca não só uma responsabilidade sobre nós mesmos, mas principalmente uma responsabilidade sobre o mundo inteiro (que é criado na medida em que nos criamos) não só do ponto de vista causal, mas também moral.

REFERÊNCIAS

Araldi, Clademir.L. **Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche**. USP. 1998.

Hilgert, Luiza. **Engajamento e literatura em Sartre**. Unioeste. 2011.

Itaparica, A. LM. **Crítica a modernidade e o conceito de subjetividade em Nietzsche**. Curitiba. 2011.

Nietzsche. **O Nascimento da tragédia**. Companhia de Bolso. 2008.

Nietzsche. **Vontade de Potência**. Editora Escala. 2010.

Nietzsche. **Crepúsculo dos Ídolos**. Editora L&PM. 2009.

Sartre. **O Existencialismo é um humanismo**. Editora Nova Cultural. 1987.

Sartre. **O Ser e o Nada**. Editora Vozes. 2003.